

O FUTEBOL NA GEOGRAFIA: A DIFUSÃO SOCIOESPACIAL DO FUTEBOL EM GOIÂNIA

LE FÚTBOL EN GEOGRAFÍA: LA DIFUSIÓN SOCIOESPACIAL
DEL FÚTBOL EN GOIÂNIA

LE FOOTBALL EN GEOGRAPHIE: LA DIFFUSION SOCIOSPATIALE
DU FOOTBALL À GOIANIA

João Marcos Gonçalves - Universidade Federal de Goiás - Goiânia - Goiás - Brasil
jmggoncalves86@gmail.com

Alexsander Batista e Silva - Universidade Estadual de Goiás - Cidade de Goiás - Goiás - Brasil
lexgeo10@gmail.com

Introdução

A difusão socioespacial do futebol em Goiânia é um fenômeno muito pouco estudado e debatido. Ao longo do curso de graduação em Geografia, sempre observamos a existência de poucos estudos entre os pesquisadores dessa área sobre um fenômeno social importante no Brasil: o futebol. Este esporte sempre esteve presente no cotidiano do brasileiro e, no nosso caso, do goianiense. O olhar que os amantes da bola lançam sobre o futebol ainda é praticamente o mesmo de quando ainda esses eram crianças. O brilho nos olhos após um gol, um drible, uma grande jogada, persiste com o passar dos anos, enfrentando a perda do “romantismo” e o olhar cético de outras pessoas dizendo que o futebol de antigamente era melhor que o de nossa geração. Contudo, entendemos que o futebol não tem prazo de validade em nossos corações.

Dentre os estudos sobre o futebol na ciência geográfica, um em especial provocou uma enorme inquietação. Trata-se do trabalho: *A construção do espaço de representação do futebol em Curitiba (PR)*, produto de uma Dissertação de Mestrado de Fernando R. Campos. O desafio que traçamos como meta foi o de realizar um estudo similar analisando o mesmo fenômeno em Goiânia.

Nesse sentido, nosso objetivo foi o de estudar o papel dos clubes de futebol profissional de Goiânia na configuração socioespacial da cidade. Para tanto, centralizamos nossa discussão na relação entre os clubes de futebol e a produção e reprodução espacial da metrópole goianiense.

A difusão socioespacial do futebol em Goiânia

Há muitas versões a respeito de como o futebol chegou ao Estado de Goiás. O intuito aqui não é de esgotar todas elas, mas compreender tal processo. A construção da nova capital foi fundamental para a consolidação de um futebol ainda incipiente. Goiânia e o futebol nascem praticamente juntos, em um fenômeno diferenciado do restante do Brasil.

O futebol, entendido por Mascarenhas (2001) como um esporte moderno, penetra pelo território brasileiro através das cidades compreendidas como as mais modernas, no caso as cidades litorâneas. Com a Revolução de 1930 e a denominada Era Vargas, inicia-se no Brasil um discurso modernizador, objetivando colonizar e desenvolver o sertão brasileiro através de políticas públicas de integração, voltadas para um ideário nacionalista. Esse movimento foi denominado “Marcha para o Oeste” e visava “corrigir” as políticas territoriais desenvolvidas no Brasil, que se deram por meio das bases da economia primária exportadora, recorrendo a determinados produtos em diferentes espaços de tempo, utilizando-se de porções do território brasileiro. A Marcha para o Oeste visava a uma integração econômica e produtiva de lugares isolados em relação ao principal eixo de desenvolvimento e principal mercado consumidor, no caso o Estado de São Paulo.

Às políticas para a integração do território nacional corresponderam uma ação rápida e combinada para, simultaneamente, completar a ocupação do território, incorporando o Centro-Oeste e a “ilha” Amazônica; modernizar e expandir a economia nacional articulando-a à internacional; estender o controle do Estado a todas as atividades e a todos os lugares. (Becker; Egler, 1998, p. 144)

O Estado de Goiás, bem como toda a região Centro-Oeste do país, era em suas origens uma sociedade agrária, tendo uma economia baseada na agropecuária, que demandava um tipo de urbanização característico.

Pelo menos 20% das cidades goianas e tocantinenses surgiram de sedes de fazendas, em torno das quais o lugarejo surgia e prosperava, em terrenos menos acidentados do que o relevo das cidades oriundas da mineração. Este fator facilitava o crescimento e o desenvolvimento da cidade de origem agropecuária. Mas o principal fator era o aparecimento de um novo ciclo econômico em substituição à mineração. Para sair da estagnação econômica em que as regiões de Goiás e Tocantins se achavam, os seus habitantes encontraram a solução na roça e na criação extensiva, já que dispunham

de imensos espaços favoráveis à atividade agropastoril tradicional. (Gomes e Teixeira Neto, 1993, p. 71)

Talvez a primeira política de integração do território goiano ao principal mercado nacional, São Paulo, tenha sido o advento da Ferrovia Mogiana, quando a expansão da economia cafeeira em São Paulo rumo ao oeste do estado obrigou a uma melhora na infraestrutura de transportes, fazendo com que a Ferrovia Mogiana atingisse o sudeste goiano. Vários estudos apontam as estradas de ferro como elementos fundamentais na “interiorização” do futebol no território brasileiro. Anjos (2004, p. 67) analisa esse advento da seguinte forma:

A segunda face refere-se às regiões servidas por estradas de ferro, datando da época de pujança da cultura cafeeira, ligando o interior paulista à cidade portuária de Santos, ou a Capital às regiões atingidas pelas Cias. Mogiana, Sorocabana, Paulista, Ituana e Linha Noroeste e também a região de Ribeirão Preto, além de Rio Claro, onde se formaram equipes que trazem em seu nome a identificação da Cia. Férrea: Ferroviário Ituano, Noroeste de Bauru e Ferroviária de Araraquara, sendo a equipe do Botafogo de Ribeirão Preto formada pela fusão de dois times pertencentes aos trabalhadores na linha férrea, em 1918.

Seguindo este raciocínio, os primeiros clubes de futebol que realmente adotaram a prática do esporte de uma forma mais duradoura e consistente advêm do sul goiano, tendo a ferrovia como importante elemento que impulsionou o surgimento do futebol goiano.

Por fim, a ferrovia incrementa o processo de urbanização: em Goiás, algumas cidades servidas pela linha de ferro chegaram a ensaiar vida característica de cidade. Ao receber água encanada, energia elétrica, cinema, telégrafo, telefone e agência do Banco do Brasil (Ipameri) passaram a distinguir-se do restante dos aglomerados urbanos. Vagarosamente seus moradores também foram assimilando postura mais urbana, evidenciando modificações na mentalidade, ideias e valores sociais. (Estevam, 1998, p. 95-96)

Os dois primeiros clubes de futebol fundados no Estado de Goiás são oriundos de cidades servidas pela Ferrovia Mogiana, sendo estes o Clube Recreativo e Atlético Catalano (CRAC), da cidade de Catalão, e o Pires do Rio Futebol Clube, da cidade de Pires do Rio. O primeiro fundado em 1931 e o segundo, em 1935.

Neste contexto, de modernização e povoamento do Centro-Oeste brasileiro, surge através de diversas frentes e forças políticas o ideário de mudança da capital do Estado de Goiás, da antiga Goiás Velho para uma cidade que representasse a modernidade. Esta viria a ser Goiânia. A construção de Goiânia está intimamente ligada à política da Marcha para o Oeste, época em que Goiás passa por uma mudança política a partir da Revolução de 1930, em um contexto de crise, reorganizando suas forças políticas. Chaveiro (2004, p. 116) observa esse momento da seguinte maneira: “o confronto histórico entre os sulistas – mais desenvolvidos e afeitos à influência e ao intercâmbio econômico com São Paulo – e os tradicionalistas, representados pela oligarquia que governava, a partir de Goiás Velho, transformou a Revolução de 1930 na oportunidade para que as novas forças políticas consolidassem o seu êxito oposicionista.”

Campinas foi o grande suporte da instalação de Goiânia. O primeiro clube de futebol em Goiânia nasceu em Campinas: o União Americana Esporte Clube, fundado em 29 de abril de 1936, que não existe mais nos dias de hoje. O segundo clube fundado foi o Atlético Clube Goianiense. Apesar de ter no nome uma menção à cidade de Goiânia, o Atlético nasceu em Campinas, tendo sido fundado no dia 2 de abril de 1937. De acordo com o livro do escritor goiano José Mendonça Teles, intitulado *Atlético – Sentimento & glória*, os fundadores do clube eram todos desportistas, torcedores de clubes de futebol do Rio de Janeiro, o que nos demonstra que a influência do eixo Rio-São Paulo no futebol brasileiro não é recente.

Na reunião de fundação do Atlético, discutiram-se quais seriam as cores do time, prevalecendo a decisão da maioria dos presentes, torcedores do Clube de Regatas do Flamengo. Desta forma, o clube adotou o uniforme com camisa rubro-negra em listras horizontais e calção branco. Percebe-se claramente o surgimento dos primeiros clubes atrelados à influência dos grandes centros urbanos, onde já existiam os Campeonatos Estaduais de futebol há um bom tempo, conforme já mencionado. Surgia, então, um clube de futebol com influências do interior de Goiás e do Rio de Janeiro, tendo, contudo, já de imediato construído uma identidade “campineira”.

A nova capital, engendrada e planejada para ser uma cidade moderna, que representaria um novo Estado de Goiás e que se integraria de fato no bojo da economia brasileira, teria de ter um clube de futebol que realmente a representasse. Neste contexto, surgiu, em 5 de julho de

1938, o primeiro clube de futebol “genuinamente” goianiense: o Goiânia Esporte Clube.

Um dos membros fundadores do Atlético, após ser excluído da diretoria atleticana, participou da criação do Goiânia Esporte Clube. Este fato acirrou ainda mais a rivalidade entre os campineiros e os goianienses, rivalidade esta que já existia anteriormente por outras relações socioespaciais externas ao futebol. Em reportagem publicada no Jornal *O Sucesso*, do dia 26 de outubro de 2003, intitulada *Os verdadeiros construtores de Goiânia*, são relatados alguns fatos interessantes para nossa análise. Em uma passagem é indicado que desde o início houve uma rivalidade intensa entre os moradores de Campinas, uma cidade que virou bairro, e os da nova capital. O fato de servir como sede das casas de prostituição rebaixava Campinas e deprimia seus habitantes.

A bipolaridade no futebol goianiense acabou no ano de 1943, ano que se torna um marco das profundas mudanças socioespaciais no que tange ao futebol da nova capital goiana, com o surgimento de novos clubes. Isso trouxe para a realidade futebolística goianiense mais duas classes sociais, que de início estiveram à margem deste processo de apropriação espacial que foi efetuada pelos clubes pioneiros.

Em 6 de abril, um grupo de amigos se reuniu no centro da cidade e desse encontro resultou a criação do Goiás Esporte Clube. Todos os presentes eram paulistas descendentes de italianos e torciam para o extinto Palestra Itália (atualmente Sociedade Esportiva Palmeiras), da cidade de São Paulo. Desta forma, foram escolhidos o verde e o branco como as cores do uniforme, as mesmas que utiliza o clube paulista. Como a torcida paulista tinha o periquito como mascote, logo os fundadores do Goiás o incorporaram como mascote do novo clube que surgia. Tal adoção foi facilitada também pelo fato de o periquito ser uma ave bastante conhecida na região Centro-Oeste do Brasil. A ideia original era dar ao clube o nome de Palestra Itália; todavia, o contexto político brasileiro da época¹ não permitiu que tal vontade fosse realizada. Fica novamente evidenciada a influência socioespacial exercida pelo eixo Rio-São Paulo na formação de vários clubes de futebol do interior do Brasil. Desta forma, temos uma terceira vertente no surgimento dos clubes de futebol goianienses – os migrantes paulistas descendentes de italianos.

Ainda durante esse ano, é criado o quarto clube de futebol goianiense. Diferente dos demais clubes, o Vila Nova Futebol Clube teve

oficializada sua fundação no dia 29 de julho de 1943, embora a essência de sua existência já viesse de alguns anos. Desportistas entusiastas do então clube amador Associação Mariana aceitaram o desafio de fundar um clube para representar o bairro conhecido como a “vila mais famosa”, a Vila Nova. O Vila Nova Futebol Clube surge totalmente identificado com determinado lugar, no caso o bairro que ficou conhecido como a “vila famosa”, estabelecendo ainda uma identidade com as classes sociais menos favorecidas. Silva (2001, p. 3) relata esta relação da seguinte maneira:

O Vila surgiu de gente humilde. O bairro da Vila Nova não passava de uma área invadida. A construção de Goiânia se deu graças à mão de obra de cidadãos de outros estados. Veio gente do Ceará, do Maranhão, de Minas Gerais, da Bahia, do Piauí, de Pernambuco e de Alagoas. Essas pessoas moravam em minúsculas casinhas de três cômodos, plantavam suas hortas no quintal e a comida era feita no fogão de lenha. Como não planejaram um espaço para os homens que ajudaram na edificação da nova cidade e a maioria não tinha dinheiro para comprar um lote em Campinas ou no Bairro Popular, o jeito foi invadir um pedacinho de chão lá pros lados do Córrego Botafogo. Local distante, sem asfalto e sem transporte. Lugar de gente simples: pedreiros, serventes, carpinteiros e operários.

Dessa maneira temos a quarta vertente da construção socioespacial dos clubes de futebol em Goiânia, pelo advento de um clube originado na classe operária formada por brasileiros oriundos de outros estados e que vieram para construir a nova capital do Estado de Goiás. Eram na sua grande maioria nordestinos, que encontraram no futebol um instrumento que lhes permitia sorrir, apesar das dificuldades e dos problemas enfrentados no cotidiano. Ao viajar para realizar partidas nos arredores de Goiânia, o time logo arrebatou vários fiéis de outras localidades fora do bairro.

Conclusão

Nota-se que a construção de Goiânia e a sua estruturação urbana estão intimamente ligadas às trajetórias dos seus principais clubes de futebol. O espaço da cidade lançou um papel de grande pujança neste processo. O Atlético, identificado com o “bairro-mãe” de Goiânia, o bairro de Campinas, lugar onde surgiu. O Goiânia identificado com a classe política da cidade, quase toda residente no centro da nova capital.

A rivalidade existente entre os moradores de Campinas, cidade que virou bairro, e de Goiânia, a nova capital do estado, transpôs-se para os campos de futebol, tendo Atlético x Goiânia como o primeiro “clássico” goianiense.

Juntamente com este crescimento, vieram novas realidades, trazendo para o futebol um novo quadro de mudanças nas dinâmicas socioespaciais pelas quais Goiânia passava. A rivalidade e as contradições não eram mais entre Goiânia e Campinas, mas sim entre ricos e pobres. Bittencourt (2003) analisa que Atílio Correia Lima² fez de Goiânia um ícone da sociedade de classes. Na margem esquerda do Rio Meia Ponte, encontra-se um paraíso para a burguesia. Na direita, um gueto para o proletariado. Desta forma, podemos afirmar que os outros dois clubes de futebol da cidade estiveram plenamente envolvidos neste processo socioespacial. Citamos em primeiro lugar o Goiás Esporte Clube, identificado com as classes sociais mais abastadas, dada a sua localização em uma região que, desde os tempos mais remotos da história goianiense, recebeu benefícios por parte de políticas públicas e de investimentos privados, na região sul da capital. Em segundo lugar, citamos aquele que viria a se tornar o seu grande rival nesta dicotomia de classes: o Vila Nova Futebol Clube, fortemente identificado com a Vila Nova, bairro tomado como verdadeiro símbolo da classe operária, que participou ativamente da construção de Goiânia e constitui lócus da presença nordestina na cidade. Tal clube foi construído com a luta e o suor da “massa”, do “povão”, da gente mais humilde do local.

Notas

- 1 Um desses fatores, anterior aos anos da Segunda Guerra Mundial e que, por ser de natureza política, histórica e social, causou impacto na comunidade da época, foi a decisão a nível nacional de uniformizar o ensino escolar em língua portuguesa, oficializada através de dois importantes decretos-lei do período do Estado Novo: o de número 406, de maio de 1938, e o 1545 de 25 de agosto de 1939. A obrigatoriedade de uso da língua portuguesa, de certa forma, proscreeu o uso do italiano na escrita e, em grande parte, na fala. Posteriormente, o contexto de guerra legitimaria e transferiria para todos os domínios linguísticos a situação de língua a ser evitada.
- 2 Arquiteto, urbanista e paisagista brasileiro, é considerado o primeiro urbanista formado do Brasil. O trabalho mais conhecido de Atílio Corrêa Lima foi o plano urbanístico de Goiânia (1933-1935).

Referências

- ANJOS, J. L. O “popular” no futebol do interior de São Paulo. *Revista Conexões*, Campinas, 2004.
- BECKER, B.; EGLER, C. A. G. *Brasil: uma nova potência regional na economia-mundo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CAMPOS, F. R. G. *A construção do espaço de representação do futebol, em Curitiba-PR*. Tese (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.
- CHAVEIRO, E. F. A urbanização do sertão goiano e a criação de Goiânia. In: *O espaço goiano: abordagens geográficas*. Goiânia, p. 93-144, 2004.
- ESTEVA, L. *O tempo da transformação: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás*. Goiânia: Ed. do autor, 1998.
- GOMES, H.; TEIXEIRA NETO, A. *Geografia Goiás-Tocantins*. Goiânia: Ed. UFG, 1993.
- MASCARENHAS, G. M. Considerações teórico-metodológicas sobre a difusão espacial do futebol. *Geo UERJ*. Revista do Departamento de Geografia, UERJ, Rio de Janeiro, n. 10, p. 73-82, 2001.
- SILVA, C. *Vila, uma paixão*. Goiânia: Contato Comunicação, 2001.
- TELES, J. M. *Atlético – Sentimento & glória*. Goiânia: Gráfica e Editora Kelps, 2005.

João Marcos Gonçalves - Bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Goiás.

Alexsander Batista e Silva - Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás e professor de geografia na Universidade Estadual de Goiás.

Recebido para publicação em dezembro de 2010

Aceito para publicação em maio de 2011